

**EM BUSCA DA TRADIÇÃO PERDIDA:
A UTOPIA DO PASSADO EM *SOUMISSION*, DE MICHEL
HOUELLEBECQ**

**IN SEARCH OF THE LOST TRADITION:
PAST UTOPIA IN MICHEL HOUELLEBECQ'S *SOUMISSION***

Marcelo Fernando de LIMA^{1*}
Patrícia Marcondes de BARROS^{2**}

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar o romance *Soumission* (2015), do escritor francês Michel Houellebecq, sob uma perspectiva política, considerando a trajetória do protagonista François, que testemunha uma profunda transformação da França – de país laico a religioso – com a eleição de seu primeiro presidente muçulmano, num pleito imaginado em 2022. O artigo sustenta que o romance dialoga com a literatura distópica contemporânea, revelando uma sensação de esgotamento diante do liberalismo secular. Além disso, evidencia um sentimento de nostalgia por valores considerados tradicionais, selecionados ao longo da história da cultura europeia ocidental. Esses valores estão relacionados à religião e ao patriarcado. Ironicamente, eles se alinham ao projeto de poder representado no livro pelo governo muçulmano, conforme a visão do narrador. Neste texto, interpretamos o romance à luz do conceito de retrotopia do sociólogo Zygmunt Bauman (2017), para quem existe, hoje em dia, um sentimento difuso de retorno ao passado como mecanismo de defesa frente a um mundo em constante transformação e conflito. O artigo é dividido em três segmentos: no primeiro, fazemos um breve contexto das tensões políticas da França atual; no segundo, fornecemos uma visão geral de obras de Houellebecq que dialogam com essas tensões; na parte final, analisamos o romance utilizando o conceito de retrotopia de Bauman.

Palavras-chave: Retrotopia; nostalgia; Michel Houellebecq; *Soumission*; patriarcado.

Abstract: The aim of this work is to analyze the dystopian novel *Soumission* (2015), written by the French author Michel Houellebecq, from a political perspective, considering the trajectory of the protagonist François, who witnesses a profound transformation of France – from secular to religious – with the election of its first Muslim president, in an imagined election in 2022. The article argues that the novel, which engages with contemporary dystopian literature, reveals a sense of exhaustion in the face of secular liberalism and highlights a feeling of nostalgia for so-called traditional values, selected from the long trajectory of Western European culture, related to religion and patriarchy, which ironically align with the power project represented in the book by the Muslim government, according to the narrator's view. In this text, we interpret the novel according to the concept of "retrotopia" by the sociologist Zygmunt Bauman (2017), who posits that there is, nowadays, a diffuse sense of returning to the past as a defense mechanism against a world in constant transformation and conflict. The article is divided into three segments: firstly, we provide a brief context of the current political tensions in France; secondly, we offer an overview of Houellebecq's works that engage with these tensions; finally, in the last part, we analyze the novel *Soumission* by using Bauman's concept of retrotopia.

Keywords: Retrotopia; nostalgia; Michel Houellebecq; *Soumission*; patriarchy.

^{1*} Doutor em Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), e-mail: marcelolima@utfpr.edu.br

^{2**} Doutora em História e em Letras, Universidade Estadual de Londrina (UEL), e-mail: patriciamarcondesdebarros@gmail.com. Orcid id: <https://orcid.org/0000-0003-1677-7263>.

Introdução

O ano de 2015 foi marcado por uma série de eventos na França, entre eles, o atentado que resultou na morte de 12 trabalhadores do jornal *Charlie Hebdo*. Os ataques foram realizados por um grupo terrorista sob o argumento de que o semanário estava satirizando o islamismo. Em 7 de janeiro, mesmo dia do atentado, era lançado no país o romance *Submissão* (*Soumission*, no original), de Michel Houellebecq, que gerou polêmica ao trazer à discussão a crescente influência da cultura islâmica na França. No livro, cujas principais ações se situam em 2022, Houellebecq imagina a eleição do primeiro presidente muçulmano da história do país, Mohammed Ben Abbas, indicando uma mudança radical na cultura francesa, que passa a ser organizada em torno de valores religiosos. Num primeiro momento, o protagonista – o professor universitário François – demonstra indiferença em relação ao contexto político, porém, nutre temores diante das possíveis consequências. Gradualmente, François, nostálgico da cultura patriarcal, começa a vislumbrar uma vida melhor sob o novo regime. Mesmo reconhecendo os aspectos distópicos, ele enxerga oportunidades e vantagens que o novo cenário pode oferecer.

Considerado no calor da hora por alguns críticos como um romance islamofóbico, misógino e alinhado às ideias da extrema direita local, *Submissão* revela, de um modo geral, os medos e anseios do protagonista e das personagens em relação ao contexto político recente da França, marcado por crises e pelo enfraquecimento do país como um dos maiores representantes da cultura europeia. Ao mesmo tempo, mostra um posicionamento ativo de algumas personagens contra os avanços do ocidente em relação aos direitos de grupos minorizados – principalmente quanto às conquistas das mulheres. De fato, o romance apresenta uma série de “teorias” sobre a “decadência” da França, supostamente enfraquecida pela imigração e pela “substituição” dos valores republicanos modernos – baseados na razão e na democracia – pela cultura islâmica, conforme ela é descrita no livro. No entanto, é necessário deixar claro que os ideais democráticos nunca foram atingidos plenamente. Os valores republicanos não beneficiaram toda a população francesa, sendo que as mulheres e os estratos mais pobres da população foram mantidos à margem.

A “solução” apresentada pelo narrador-personagem é a volta às ideias que teriam, em sua opinião, contribuído para a formação da cultura ocidental durante cerca de mil anos de Idade Média: a religião e o patriarcado. Nas palavras da personagem Alain Tanneur, um funcionário de um serviço de inteligência do governo, os movimentos laicos na história do ocidente acabaram gerando resultados provisórios, que duraram pouco mais de um século. Por outro lado, a cristandade medieval, com sua forte base religiosa, durou um milênio e teve influência duradoura sobre a cultura (Houellebecq, 2015). Em meio a uma cultura percebida como “decadente” e diante da impossibilidade de reviver a Idade Média, François volta-se para o islamismo na busca de reencontrar valores tradicionais perdidos com a cultura secular.

Este artigo tem como objetivo interpretar o romance *Submissão* à luz do conceito de retrotopia, tal como foi formulado por Zygmunt Bauman (2017). O sociólogo polonês descreve este fenômeno como um sentimento difuso que permeia a sociedade contemporânea, caracterizado pelo resgate de valores do passado como uma espécie de refúgio em meio a um mundo tumultuado por mudanças rápidas e conflitos incessantes. Essa busca pelo passado surge como um mecanismo de defesa contra o desconforto contínuo que essas transformações geram, principalmente entre uma parcela da população que havia sido beneficiada com alguns privilégios.

O artigo está estruturado em três partes. Na primeira seção, discutimos as tensões políticas recentes da França, delineando o contexto com que o livro dialoga. Na segunda parte, oferecemos uma visão panorâmica das obras de Houellebecq que tematizam as tensões políticas e sociais abordadas na primeira seção. Na parte final, procedemos à análise do romance, explorando como a narrativa de Houellebecq retrata o fenômeno da busca pelo passado como uma resposta aos desafios e incertezas do presente, destacando os mecanismos utilizados pelo autor para transmitir essa complexidade.

França (in)submissa

A França exerceu uma enorme influência na política e no pensamento ocidental a partir da revolução de 1789, criando um modelo de referência para os direitos humanos e um projeto de civilização que foi incorporado por diversos estados europeus. No século XIX, o país atingiu um padrão de prestígio que elevou o idioma francês à condição de idioma internacional, antes de o inglês assumir esta posição, tornando a França o centro

da produção intelectual e artística do ocidente. No século XX, mesmo perdendo espaço para os Estados Unidos, principalmente em consequência das duas guerras mundiais, a França permaneceu em evidência entre os países mais influentes. Na segunda metade do século XX, graças à política de reconstrução da economia europeia, o país testemunhou um ciclo virtuoso de crescimento (1945-1973), melhorando significativamente as condições de vida de seus cidadãos (Berstein et al., 1987).

De fato, o processo de globalização, que se fortaleceu com o neoliberalismo, proporcionou o crescimento de regiões que antes eram subordinadas a metrópoles ocidentais. A reconstrução da França no pós-guerra contou com uma expressiva participação da mão de obra argelina, um aspecto frequentemente negligenciado, mas crucial para entender as dinâmicas sociais e econômicas do período. Os trabalhadores argelinos, atraídos pela promessa de melhores condições de vida, foram fundamentais para suprir a demanda por força de trabalho em setores como a construção civil e a indústria, impulsionando a recuperação do país. Contudo, sua presença também intensificou tensões sociais, alimentadas por um contexto de desigualdades e discriminação. É nesse cenário que a Guerra da Argélia (1954-1962) emerge como um evento central para compreender a construção de uma atmosfera xenofóbica. O conflito, marcado pela luta pela independência do país africano, exacerbou sentimentos de rejeição em relação aos argelinos que viviam na França. Muitas vezes vistos como inimigos internos, esses imigrantes enfrentaram preconceitos, marginalização e violência, elementos que contribuíram para a formação de um clima social permeado pela hostilidade e pelo racismo institucional.

Ainda nas décadas finais do século XX, apesar de ter perdido posições entre os países mais influentes, a França mantinha-se como um dos principais estados em indicadores de desenvolvimento, além de representar um importante centro de produção cultural. Essa situação, no entanto, vem mudando nas últimas décadas. Esse período coincide com o fortalecimento das políticas neoliberais e com a criação da zona do euro. Também está relacionado à ideia de que o país enfrenta mudanças profundas nos âmbitos cultural, social e demográfico. Cresce, ainda, a sensação de que há um processo de “islamização” e de “substituição” dos franceses pela população migrante, argumento defendido pela extrema direita.

De fato, o processo de globalização, que se fortaleceu com o neoliberalismo, proporcionou o crescimento de regiões que antes eram subordinadas a metrópoles ocidentais; as transformações da economia asiática, que hoje concentra a maior parte da produção industrial do globo, e as mudanças geopolíticas criaram um mundo menos eurocêntrico do ponto de vista de referências culturais, políticas e religiosas, fazendo com que os sistemas ditos democráticos, que se formaram sob a influência da França e dos Estados Unidos, fossem vistos como modelos possíveis – e não mais como “universais”.

Esse processo se tornou mais intenso com o multiculturalismo das últimas décadas do século XX. Embora o “homem branco europeu” tenha sido visto como medida da cultura ocidental na modernidade, hoje essa imagem vem sendo questionada pelos movimentos sociais. Além disso, sobre esse sujeito pesa o fardo de séculos de colonização de povos ditos inferiores, situados no além-mar ou debaixo da linha do Equador. Assim, enquanto a França e outras nações ocidentais ricas são frequentemente consideradas os berços dos direitos humanos, também são reconhecidas por terem promovido genocídios no período colonial e ainda contribuir para manter os processos de exploração sobre os países mais pobres.

Ao mesmo tempo, o país vive uma crise política que se tornou mais grave nos últimos anos. Cada vez mais o governo francês é pressionado por setores da população, especialmente aqueles oriundos da chamada *France profonde*, expressão que designa as localidades afastadas dos grandes centros de poder, com características conservadoras, cujas atividades estão relacionadas ao setor primário. Nas últimas décadas, com o avanço da globalização, um número crescente de franceses assiste ao declínio ou à estagnação do seu padrão de vida, resultando em uma sensação de descrença na política (Halimi, 2019). O crescimento do absenteísmo tem sido frequente, e isso indica que o modelo tradicional de prática política, historicamente baseada na alternância de lideranças à direita e à esquerda, está em declínio.

As últimas décadas testemunharam um aumento significativo de protestos violentos, exemplificados pelos *gilets jaunes* (coletes amarelos), em 2018 e 2019, um grupo sem vínculos com movimentos tradicionais ou partidos que contestou o governo de Emmanuel Macron nas principais cidades do país. Formados por pessoas originárias de áreas afetadas pela desindustrialização, seus protestos se centraram na deterioração das condições de vida, na escassez de empregos e aumento da inflação (Halimi, 2019). Logo

em seguida, a reforma previdenciária, que aumentou a idade de aposentadoria para várias categorias, provocou novas manifestações. Mais recentemente, uma onda de protestos de agricultores tem agitado o país e pressionado o governo, opondo-se a acordos nacionais e no âmbito da União Europeia, que põem o setor em desvantagem em relação a outros blocos econômicos, como o Mercosul.

A onda de descontentamento reflete uma insatisfação que não foi contida com a eleição, em 2017, de Emmanuel Macron, um político que se colocou como opção fora do domínio da política tradicional. Em sua campanha, Macron prometeu renovar a política francesa e, com reformas econômicas, melhorar as condições de trabalho, o que não ocorreu. Em meio ao descontentamento, a ascensão da extrema direita foi notável, liderada por Marine Le Pen, presidente do partido *Rassemblement National* (denominado *Front National* até 2018), e mais recentemente por Éric Zemmour, uma figura do mundo da mídia cuja principal bandeira é o ódio aos imigrantes, apesar de ser filho de imigrantes argelinos de origem judaica. De forma geral, a extrema direita francesa defende restrições à imigração e levanta as bandeiras do nacionalismo, do protecionismo econômico e dos valores tradicionais. Outra proposta pela qual advoga é a saída da França da zona do euro como solução para os problemas econômicos.

A sensação de declínio econômico e cultural, exacerbada desde a crise financeira de 2008, resultou em uma busca pelo passado como fonte de segurança, conforme descrito por Bauman (2017) com o conceito de retrotopia, que se refere a uma tendência contemporânea de buscar refúgio no passado idealizado como resposta às incertezas e ansiedades do presente. Trata-se de uma inversão da utopia tradicional, que projeta um futuro ideal. Em vez disso, a “retrotopia” olha para trás, para momentos ou períodos históricos percebidos como mais estáveis, seguros ou prósperos. Bauman argumenta que, diante das crises sociais, econômicas e políticas da modernidade líquida, as pessoas perdem a confiança no progresso e no futuro. Em um mundo marcado pela fragmentação, individualismo e perda de vínculos comunitários, muitas recorrem ao passado como uma forma de encontrar sentido, identidade e pertencimento. Essa nostalgia pode manifestar-se na idealização de tradições, na recuperação de narrativas nacionais ou até na recriação de políticas e símbolos de eras passadas.

Essa tendência é global, refletindo uma desilusão com o sistema político-econômico estabelecido após a Segunda Guerra. Além disso, a radicalização de ideias e a ascensão

de movimentos populistas e identitários têm deslocado o debate político, minando a busca por soluções para questões prementes como a pobreza e as mudanças climáticas (Dujin, 2019). Enquanto isso, a guerra cultural em torno de questões como imigração e nacionalismo tem desviado a atenção dos partidos políticos tradicionais na Europa, permitindo o crescimento de movimentos políticos radicais. A França, assim como outras nações, enfrenta desafios em meio a essa dinâmica, refletindo o desencanto com a política atual e a incapacidade dos líderes de cumprir suas promessas.

Em meio a esse contexto político conturbado, a sensação de nostalgia e o estado melancólico estão presentes numa ampla produção de textos que representam o “declinismo francês” (D’Arcens, 2018), envolvendo uma série de autores (e personagens) que lamentam o fim dos tempos em que a França ocupava posição central no ocidente, inclusive como nação colonizadora. São autores que, embalados pela ascensão da extrema-direita, acabaram conquistando inúmeros leitores e adeptos, além da projeção em *talk shows* da televisão francesa. Entre eles, estão Renaud Camus (*Le grand remplacement*), Nicolas Baverez (*La France qui tombe*), Éric Zemmour (*Mélancolie française*) e Michel Onfray, filósofo midiático reacionário que publicou mais de cem livros. Embora Houellebecq não possa ser reduzido a um mero participante desse grupo, tendo em vista sua qualidade artística, seus livros trazem personagens que problematizam essas questões de maneira constante, fazendo com que suas obras operem em um campo discursivo bastante explorado pela extrema direita.

Homens sem qualidades

A maior parte dos livros de Michel Houellebecq tematiza direta ou indiretamente estados depressivos e nostálgicos relacionados a motivações econômicas ou culturais que afetam certos grupos da sociedade francesa – e geralmente existe uma motivação política ou econômica por trás desses estados de espírito. Seus livros são caracterizados por abordarem os temas contemporâneos, que ainda estão “quentes” na mídia. Além de focar na patologização do indivíduo, apresenta uma visão sombria da sociedade. Ele expõe personagens desencantadas, alienadas e em conflito. Seus protagonistas costumam ser homens solitários, misóginos, introspectivos e cínicos – desprovidos de qualquer heroísmo, altruísmo ou empatia. Usando uma expressão em voga na atualidade, pode-se

dizer que Houellebecq expõe a masculinidade tóxica em suas personagens, mas também revela suas fragilidades.

Essa visão distópica sobre a sociedade já está presente num de seus primeiros livros, o ensaio biográfico *Contra o mundo, contra a vida*, publicado em 1991, sobre o escritor americano H.P. Lovecraft. O livro é bastante pessoal e revela muito sobre o próprio Houellebecq. Ele descreve um escritor que busca fugir da realidade que não suporta, refugiando-se no imaginário, no fantástico e no horror, já abordando uma personagem em estado nostálgico e em busca de compensar uma perda.

Essa tendência aparece em outros romances, em personagens como Michel e Bruno, de *As partículas elementares* (1998), dois irmãos com personalidades distintas, mas que compartilham uma profunda alienação social e emocional. No romance, as personagens são retratadas em um mundo onde o consumismo se tornou o valor predominante, levando a uma superficialidade e vazio existencial. O autor explora as consequências dessa mentalidade consumista para a vida cotidiana, as relações interpessoais e a busca por satisfação emocional e espiritual.

Já o romance *O mapa e o território*, vencedor do prêmio Goncourt, um dos mais importantes da literatura francesa, tem como personagem principal o artista plástico Jed Martin. A história explora sua jornada desde as primeiras exposições até o reconhecimento internacional. O livro retrata o passado pré-moderno da França, abordando o renascimento das artes e dos ofícios tradicionais em meio a uma onda de nostalgia impulsionada pela economia neoliberal, em que a busca pela autenticidade se transforma em mercadoria. A obra trata de diversos temas, como arte contemporânea, globalização, fama, sucesso, relacionamentos humanos e a percepção do mundo através da arte e da fotografia.

O romance *Serotonina* (2019) tem como protagonista o agrônomo Florent-Claude Labrouste, que toma a decisão de abandonar sua vida em Paris, considerada por ele vazia e sem sentido, embarcando em uma jornada de autodescoberta pela zona rural. Viciado em drogas antidepressivas e em pornografia, durante essa jornada, Florent-Claude percebe que o ambiente rural também enfrenta perturbações econômicas, com o declínio da agricultura tradicional e a influência do agronegócio.

Já o romance mais recente, *Aniquilar*, é considerado uma espécie de continuação de *Submissão*, pois se passa no contexto das eleições presidenciais de 2027 e de crescimento da influência dos movimentos de extrema-direita.

Rumo à conversão

Sexto romance de Houellebecq, *Submissão* foi recebido com muitas críticas na França: o autor chegou a ser acusado de escrever um livro xenófobo e islamofóbico, o que foi reforçado pela reprise de declarações contrárias ao islamismo feitas por ele mesmo anos antes. Um dos editores do *Libération*, o jornalista Laurent Joffrin (2015) chamou a atenção para a ressonância política negativa da obra, afirmando que representava o retorno das teses da extrema direita à alta literatura, criando um discurso intelectual que favorecia a intolerância. Segundo Joffrin (2015), a narrativa de Houellebecq teria um impacto na sociedade, que seria legitimar as teses do *Front National*, de Éric Zemmour, especialmente entre os círculos da elite intelectual. De forma irônica, Joffrin sugeriu que o romancista estaria “esquentando a cadeira” de Marine Le Pen no Café de Flore, espaço emblemático da intelectualidade francesa do pós-guerra, onde até hoje é mantida a mesa onde Simone de Beauvoir costumava escrever.

Submissão é narrado em primeira pessoa por François, um professor de literatura solitário e misantropo, de 44 anos, que leciona na Universidade de Paris III – Sorbonne, instituição que exerceu historicamente um papel fortemente misógino. Acomodado em seu cargo, François considera ter desenvolvido apenas um trabalho digno de nota – sua tese sobre o escritor Joris-Karl Huysmans (1848-1907), que aparece como referência constante no livro. François apresenta-se como um *loser*: abandonado pela namorada, sem afinidade com os pais, alcoólatra, consumidor de pornografia, cliente frequente de garotas de programa, ele vive a maior parte do tempo em estado melancólico, sem ânimo para o trabalho ou sequer para preparar comida, que prefere pedir em serviços de *delivery*.

A literatura aparece como um refúgio, já que os contatos humanos se tornam cada vez mais raros e superficiais. No romance, a presença de Huysmans explicita o paralelismo e reforça a ideia de nostalgia: François dialoga com o protagonista em crise do principal romance de Huysmans, *Às avessas*, de 1884. Nele, conta-se a história do duque Des Esseintes, último descendente de uma família aristocrática numa França que, no fim do século XIX, assiste ao triunfo do gosto médio burguês e à “democratização” do

consumo. Recusando-se a misturar-se aos burgueses, o dândi Des Esseintes isola-se do mundo em sua casa de campo e a transforma em um espaço nostálgico (Huysmans, 2011). Para escapar do presente, seus gostos estéticos privilegiam geralmente artistas do passado.

Mas enquanto Huysmans atribui as patologias do herói de *Às avessas* à hereditariedade e ao enfraquecimento genético causado pelos constantes casamentos consanguíneos em sua família de “sangue azul”, Houellebecq direciona sua atenção para o contexto social e político da França do século XXI. Nesse cenário, uma sociedade consumista e voltada à produtividade gera indivíduos cada vez mais isolados e infelizes. Um sistema político paulatinamente enfraquecido reduz o poder de compra das famílias, tornando a vida mais difícil para a classe média. Assim, suas personagens angustiadas nunca conseguem satisfazer seus desejos, buscando incessantemente preencher o vazio de suas existências com gozos efêmeros ou “paraísos artificiais”, fazendo uso frequente de álcool, drogas ilícitas e medicamentos.

Assim como *Às avessas*, o romance de Houellebecq apresenta uma narrativa com poucas ações, focando-se principalmente nas análises e reflexões do narrador-personagem. Grande parte do texto é preenchida pelas reflexões do narrador, abordando temas como literatura, política, sexo, economia e religião. Além disso, diálogos longos desempenham um papel fundamental na obra, estabelecidos entre o protagonista e algumas personagens, principalmente para expor teses de extrema-direita. Esses diálogos, que se estendem por vários capítulos, colocam o livro de Houellebecq em um patamar estilístico semelhante ao de romances do subgênero distópico³. Assim como em obras como *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, e *1984*, de George Orwell, os diálogos são essenciais para explicar as grandes mudanças estruturais da sociedade. Quanto a este aspecto, também pode ser feita uma associação com *Utopia*, de Thomas More, publicado em 1516, em que os diálogos sobre a sociedade utópica desempenham um papel central na compreensão dos hábitos e costumes.

³ Para este trabalho, utilizamos a definição de Gregory Claeys (2010), para quem o gênero literário utópico descreve ficções especulativas sobre sociedades ideais ou alternativas, contrastando com as falhas da sociedade contemporânea. Essas narrativas geralmente retratam um mundo perfeito, com igualdade, justiça social, harmonia e prosperidade, explorando questões políticas, sociais e filosóficas, oferecendo propostas de mudança. Já o subgênero utópico inclui variações específicas dentro desse gênero mais amplo, com utopias negativas. Enquanto o gênero utópico abrange toda a ficção que descreve sociedades ideais, o subgênero utópico se refere às classificações negativas dentro desse campo.

Em *Utopia*, a maior parte dos diálogos é mantida por Raphael Hythloday, que conta a sua experiência, suas observações e ideias filosóficas para Thomas More e Peter Giles. Os diálogos de Raphael são o centro da narrativa, por expor os costumes, as leis e as práticas da sociedade ideal. Em *Submissão*, a densidade das conversas entre os personagens é uma característica marcante, permitindo uma análise das questões sociais. Como observa Dominic Baker-Smith (2012, p. 8), ao falar de *Utopia*, “somos produtos de nossos costumes”, e é por meio dessas conversas que os personagens exploram e questionam os hábitos e valores da sociedade retratada.

O livro está estruturado em cinco partes – cada uma subdividida em pequenos capítulos de duas a cinco páginas. A trama se desenrola em 2022, o que novamente aproxima o livro de Houellebecq ao subgênero distópico, por apresentar uma história situada no futuro – quanto ao lançamento do livro, em 2015 – e eventos relacionados a autoritarismo e opressão. No entanto, como é possível observar ao final da narrativa, o que num primeiro momento parece distópico – o retorno aos valores religiosos e ao patriarcalismo como projeto de uma sociedade do futuro – acaba se revelando uma utopia aos olhos do protagonista, que considera como positiva a nova realidade política que se lhe apresenta.

Na primeira parte do romance, o protagonista e narrador se apresenta contando seu cotidiano de paixão pela literatura, pessimismo em relação ao mundo e enfado quanto ao trabalho na universidade, aos alunos e colegas. Estes são caracterizados como pessoas vulgares, desprovidas de ideais e de inteligência crítica, apesar de ocuparem cargos de prestígio, como a professora Marie-Françoise Tanneur, descrita como uma pessoa engraçada, mas sedenta por fofocas. Outro exemplo é Steve, professor que fez uma tese medíocre sobre Rimbaud, mais preocupado com nomeações e progressões na carreira (Houellebecq, 2015). A entrada de Steve na Sorbonne é atribuída a relações sexuais que teria mantido com a reitora da universidade, descrita por François de maneira misógina.

O próprio François revela que, embora tenha passado a maior parte de sua vida na universidade – primeiro como estudante e pesquisador no programa de pós-graduação, em seguida como professor –, jamais teve a menor vocação para a docência, e depois de quinze anos de trabalho sua carreira só confirmou a ausência de dom inicial (Houellebecq, 2015). François revela sua relutância em desempenhar o papel de professor, expressando também um profundo desagrado pela juventude, incluindo o período em que ele mesmo

foi jovem. Segundo ele, essa fase da vida é marcada por uma sensação imprecisa de superioridade em relação à geração anterior, destinada inevitavelmente a ser substituída. Além disso, ele critica a universidade, apontando sua posição de poder reduzido em um mundo dominado pela lógica do consumismo:

Os estudos universitários no campo das letras não levam, como se sabe, praticamente a nada, a não ser, para os estudantes mais dotados, a uma carreira de ensino universitário no campo das letras — em suma, temos a situação um tanto cômica de um sistema sem outro objetivo além de sua própria reprodução, acompanhado por uma taxa de não aproveitamento superior a noventa e cinco por cento. Esses estudos, no entanto, não são nocivos e podem até apresentar uma utilidade marginal. Uma moça que procure um emprego de vendedora na Céline ou na Hermès deverá naturalmente, e em primeiríssimo lugar, cuidar de sua aparência; mas uma graduação ou um mestrado em letras modernas poderá constituir um trunfo secundário que garanta ao patrão, na falta de competências mais aproveitáveis, uma certa agilidade intelectual que pressagie a possibilidade de uma evolução na carreira - a literatura, além do mais, vem desde sempre acompanhada de uma conotação positiva no ramo da indústria do luxo (Houellebecq, 2015, p. 16).

A atividade profissional relacionada à literatura é retratada de forma depreciativa, como algo que não encontra espaço no mercado de trabalho para pesquisadores e professores dessa área, nem reconhecimento social. No entanto, ainda que François considere irrelevante seu trabalho de professor, apresenta a literatura como um discurso essencial para a promoção do autoconhecimento e crítica social. Desde as primeiras páginas, em que descreve o contato com a obra de Huysmans, há um longo elogio à literatura como um meio de libertação e de construção de diálogo, algo que, segundo François, não poderia ser alcançado na sociedade contemporânea:

Mas só a literatura pode dar essa sensação de contato com outro espírito humano, com a integralidade desse espírito, suas fraquezas e grandezas, suas limitações, suas mesquinhas, suas ideias fixas, suas crenças; com tudo o que o comove, o interessa, o excita ou o repugna. Só a literatura permite entrar em contato com o espírito de um morto, da maneira mais direta, mais completa e até mais profunda do que a conversa com um amigo - por mais profunda e duradoura que seja uma amizade, numa conversa nunca nos entregamos tão completamente como o fazemos diante de uma página em branco, dirigindo-nos a um destinatário desconhecido (Houellebecq, 2015, p. 13).

Conforme os capítulos avançam na primeira parte do livro, o leitor é apresentado ao cotidiano de François. Além da quarta-feira ocupada com aulas e atividades na universidade, tem o restante da semana dedicado à leitura e aos períodos de inatividade. É nesses momentos não produtivos que mergulha em uma rotina melancólica, repetitiva,

passando o tempo assistindo a vídeos pornográficos, alimentando-se de refeições prontas e, às vezes, envolvendo-se em encontros sexuais com garotas de programa. François expõe sua misoginia e a forma objetificada como vê as mulheres. Suas relações são superficiais e centradas apenas no ato sexual. Não há diferença entre sexo pago e os relacionamentos que mantém com as estudantes. O único elo mais duradouro foi o que manteve com Myriam, uma jovem de 22 anos que é o “auge de sua vida amorosa”. Essa conexão, no entanto, é desfeita com a partida dela para Israel para acompanhar seus pais judeus que temiam uma guerra civil na França.

Na segunda parte do livro, ocorre uma extensa discussão sobre as eleições presidenciais de 2022. Esse tema não foi abordado na primeira parte e surge com base nas preocupações de colegas em relação aos possíveis impactos de um governo islâmico na educação do país. François testemunha, então, a vitória de Mohammed Ben Abbas, o primeiro presidente muçulmano da nação, cujo discurso moderado consegue, ao mesmo tempo, satisfazer o *establishment* financeiro e uma parte dos anseios da classe política. Sua vitória é alcançada graças a uma coalizão formada pela direita tradicional e a esquerda com o objetivo de impedir a eleição da candidata extremista Marine Le Pen, considerada como um mal maior.

A educação se torna o principal foco de Ben Abbas, que busca promover a islamização do sistema escolar. Para isso, planeja retomar uma formação feminina voltada apenas à administração doméstica e ao casamento, restringindo o mercado de trabalho formal aos homens. Além disso, as turmas mistas serão eliminadas, tornando a segregação por gênero uma realidade. A conversão dos professores será obrigatória e haverá uma revisão das refeições servidas nas escolas, que deverão seguir prescrições religiosas. Além disso, ocorrerá a implementação de horários para orações. Ben Abbas põe em prática a recuperação de determinados valores que também são partilhados pela extrema direita – e que teriam sido enfraquecidos pelo laicismo –, ou seja, os valores da família, da moral e do patriarcado. Essa abordagem também é feita por uma romance de grande impacto cultural, *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood, onde a vida das mulheres passa a ser totalmente controlada pela religião.

A defesa de valores tradicionais feita pelo projeto de Abbas também está presente no discurso dos identitários franceses, o que é possível verificar em uma conversa entre

François e o professor Godefroy Lempereur⁴. Ambos dividem o interesse nostálgico por autores que foram praticamente esquecidos pelo cânone francês no século XX – influenciado pela cultura laica e republicana. Especialista na obra do escritor católico Léon Bloy (1846-1917), Lempereur introduz no livro a discussão sobre a literatura religiosa e sobre a questão identitária da extrema-direita. Um dos pontos levantados por Lempereur é que os movimentos identitários europeus, antes fragmentários, acabaram se reunindo em torno de uma definição comum de que eles são os primeiros ocupantes da Europa – os povos originários –, únicos capazes de enfrentar a “colonização muçulmana”, as empresas americanas e a “venda de nosso patrimônio” (Houellebecq, 2015, p. 44-5). O professor praticamente resume o programa de Marine Le Pen em sua fala.

Lempereur alerta François para a possibilidade de uma guerra civil, defendendo uma estratégia contra o processo de “substituição⁵” que, segundo ele, ocorre na sociedade francesa. Ele propõe um movimento reverso: por meio de alistamento, os jovens identitários ocupariam os postos das forças armadas do país, podendo assim agir como milícias contra os muçulmanos. Ele defende que em pouco mais de quinze anos, o efetivo do exército seria totalmente renovado. “Se os jovens militantes identitários — e são, quase todos, jovens — se inscreverem maciçamente nos concursos de recrutamento das forças armadas, poderiam assumir seu controle ideológico em prazo relativamente curto” (Houellebecq, 2015, p. 46). Os “jovens identitários” são aqueles que se identificam com o movimento identitário, uma corrente política associada à extrema direita europeia. Esse movimento é caracterizado por sua ênfase na preservação da identidade cultural, étnica e nacional, frequentemente em oposição à imigração e à influência de culturas estrangeiras, particularmente muçulmanas, no contexto francês.

⁴ O próximo nome da personagem é composto por elementos nostálgicos: Godefroy é um nome de origem germânica, que significa “paz de Deus”. Ele pode evocar, por exemplo, Godefroy de Bouillon, líder militar e nobre que se destacou na Primeira Cruzada e se tornou o primeiro governante latino de Jerusalém em 1099. Pode ser ainda uma referência à personagem cômica Godefroy de Montmirail, da comédia *Les visiteurs* (1992). No filme, a personagem vivida por Jean Reno é um cavaleiro nobre do século XII que, devido a um feitiço, faz uma viagem no tempo até chegar ao final do século XX. Dentre suas constatações está o fato de seus descendentes viverem como plebeus. Já o sobrenome fictício Lempereur é o trocadilho para “l’empereur”, o imperador, fazendo referência ao passado monarquista da França, em que o poder da Igreja esteve fortemente atrelado à monarquia.

⁵ A extrema direita frequentemente usa a noção xenofóbica de “substituição” para promover uma narrativa de “substituição étnica” ou “substituição cultural”. O principal argumento é de que a imigração em larga escala estaria levando à substituição da população nativa e à perda da identidade cultural europeia. Dessa forma, os imigrantes estariam tomando empregos, recursos e influenciando negativamente a cultura e os valores europeus tradicionais.

A visão de Lempereur contempla em grande parte os anseios da extrema-direita francesa e pode ser associada a concepções como “retorno a Hobbes” e “volta ao tribalismo”, conceitos defendidos por Bauman (2017).

No primeiro caso, o autor faz referência à ideia de Hobbes, para quem, o estado, na sociedade moderna, teria o monopólio da violência. Bauman, no entanto, adverte que a crença na supremacia da civilização em controlar a violência está gradativamente perdendo adesão. Ao invés disso, a agressividade humana vem persistindo, apenas se camuflando e se externalizando por meio de estratégias sociais e institucionais. O processo civilizatório não alterou a essência humana; ao contrário, suas expressões públicas de violência migraram para ambientes e cenários menos perceptíveis (Bauman, 2017, p. 16).

Quanto à volta ao tribalismo, Bauman argumenta que estamos testemunhando a ascensão de uma mentalidade tribal, o que põe em risco a ideia mais ampla de coexistência em uma sociedade diversificada. Isso se manifesta na tendência das comunidades em preservar suas identidades culturais e valores específicos, muitas vezes em detrimento de valores mais universais que poderiam promover a coesão entre diferentes grupos. Essa abordagem frequentemente leva à justificação da superioridade de certos grupos sobre outros, alimentando ideologias neoconservadoras que enfatizam a identidade nacional, moralidade e xenofobia, como é possível verificar em muitos discursos presentes em *Soumission*.

Bauman (2017, p. 64) destaca o fortalecimento dessa mentalidade na Europa desde o início dos anos 1990, especialmente após as transformações ocorridas no Leste em decorrência do fim da União Soviética. Esse período testemunhou o surgimento de movimentos de independência e resgate de tradições culturais antes reprimidas pelo comunismo. Conforme o historiador Eric Hobsbawm (1990, p. 175), nesse contexto histórico, a multiplicação de territórios com novas divisões proporcionou aos políticos a oportunidade de identificar inimigos contra essa nova ordem territorial. Esse argumento tem se mostrado eficaz na promoção da coesão de determinados grupos, que se fortalecem ao identificar claramente seus adversários – reais ou imaginários. Esse processo de polarização se sustenta em três pilares fundamentais: as forças armadas, a economia e as questões culturais – áreas que ganham destaque no romance de Houellebecq. Uma

consequência negativa disso tem sido o ressurgimento de nacionalismos embasados em características étnicas, os quais também têm impactado a Europa Ocidental.

Paralelamente, segundo Bauman (2017), esse ressurgimento coincide com o aumento do individualismo, impulsionado pelo triunfo do neoliberalismo, no qual a meritocracia muitas vezes é usada para justificar desigualdades sociais em todo o mundo. Isso está intimamente ligado à ideia de retorno ao tribalismo. Bauman argumenta que, embora as causas da desigualdade sejam complexas e frequentemente econômicas, ela é explicada por questões naturalizadas dentro de certas comunidades, como se as dificuldades em se integrar ao sistema capitalista estivessem ligadas mais a questões étnico-raciais do que a problemas geopolíticos e econômicos mais amplos.

Os debates envolvendo política e literatura ocorrem no encontro entre François e Godefroy Lempereur no apartamento luxuoso deste – herdado de sua família francesa rica e tradicional –, em meio a violentas manifestações em Paris. É nesse momento que François acaba percebendo a possibilidade de uma guerra civil em função do extremismo político, opondo os franceses de extrema-direita e os muçulmanos. A discussão sobre as questões relativas à família aciona em François um sentimento melancólico em relação aos pais, por quem nunca nutriu qualquer afeição – por ter sido, segundo suas palavras, negligenciado durante a infância e a juventude. Essa sensação dá sinais de que a defesa de valores conservadores do patriarcado encontra acolhida em François, que atribui à liberdade feminina conquistada, nos anos 1960, o fato de não ter recebido na infância a atenção necessária. Trata-se de um elemento que desperta nostalgia e ressentimento:

Meu pai morava num chalé no maciço dos Écrins, e não fazia muito tempo (quer dizer, pelo menos não fazia muito tempo que eu sabia) que encontrara uma nova companheira. Minha mãe se deprimia em Nevers, e não tinha outra companhia além de seu buldogue francês. Fazia uns dez anos que eu não tinha notícias deles. Os dois baby-boomers sempre deram demonstrações de um egoísmo implacável, e nada me levava a crer que me acolheriam de bom grado. A questão de saber se eu tornaria a ver meus pais antes de morrerem às vezes me cruzava o espírito, mas a resposta era sempre negativa, e eu nem sequer acreditava que uma guerra civil conseguisse melhorar as coisas, pois encontrariam um pretexto para se negarem a me hospedar; sobre essa questão, nunca lhes faltaram desculpas (Houellebecq, 2017, p. 47).

A relação entre François e seus pais *baby-boomers*, que cresceram em uma época de grande desenvolvimento econômico, secularização da sociedade e avanço dos direitos das mulheres, revela seu desejo por uma dinâmica familiar mais tradicional e nostálgica.

Em última análise, essa dinâmica reflete os anseios reacionários de François, que o levam, no desfecho do romance, a aderir à política misógina imposta por Ben Abbes.

A terceira parte do romance retrata a tensão no período anterior e logo após a eleição de Ben Abbes, marcado por mudanças significativas na sociedade francesa. Nesse contexto, François se depara com dilemas pessoais e profissionais. Para evitar a atmosfera violenta e caótica das eleições em Paris, foge para o interior da França, chegando a considerar a possibilidade de deixar o país. Através das notícias transmitidas pela televisão, acompanha a tensão crescente na cidade, incluindo possíveis fraudes eleitorais.

Em Martel, na Ocitânia, François reencontra Alain Tanneur, marido da professora Marie-Françoise e funcionário de uma agência de informações ligada ao governo. A cidade possui um significado simbólico para o cristianismo medieval, representando a grandiosidade do catolicismo. Alain Tanneur recita frequentemente versos de Charles Péguy (1873-1914), poeta francês que se converteu ao catolicismo.

Tanneur defende a ideia de que, ao longo da história, a França sempre foi um país religioso, e a queda da religião representada pela ascensão do Iluminismo foi apenas um intervalo no verdadeiro poder que ela detinha. Tanneur revela que, tendo participado de uma equipe que espionou as atividades dos partidos políticos árabes, chegou à conclusão de que a Irmandade Muçulmana, agremiação que elegeu Mohammed Ben Abbes, é uma entidade moderada, mas que apresenta um projeto ambicioso de devolver à Europa um lugar político de importância no mundo, mas desta vez unida em torno do islamismo. A sua meta seria ampliar a União Europeia aos países árabes, incorporando o norte da África e os países em torno do Mediterrâneo, criando uma área de influência semelhante à do império romano.

Depois do encontro com Tanneur, François faz uma peregrinação a Rocamadour, em busca de uma renovação espiritual. Ele vai até o monastério Ligugé e à capela da Virgem Negra, um dos símbolos mais importantes da França católica. Imitando o gesto de Huysmans, que se tornou oblato no mesmo local um século antes, não consegue alcançar, no entanto, a ascensão espiritual desejada. Apesar disso, no dia seguinte, antes de sua volta a Paris, a experiência mística não se reproduziu. Ele sofre então uma crise de identidade, e o vazio religioso do ocidente está na origem da ideia de submissão, que vai levá-lo à conversão ao islamismo.

Na quarta parte do livro, François se depara com uma decisão crucial: aderir à nova ordem social ou resistir a ela. Ele se sente tentado a se converter ao islã, acreditando que isso traria estabilidade e segurança para sua vida – ele que havia sido aposentado compulsoriamente da Sorbonne. Essa parte do livro é marcada por uma fase em que François vive momentos de solidão e reflexões sobre questões existenciais, que só são quebradas pela visita de *call girls*. Chama a atenção de François o fato de que o novo regime, apesar de seu controle moral, não ter perturbado em nada esse tipo de serviço na internet:

Tergiversei umas semanas, examinando vários perfis, imprimindo alguns para relê-los (os sites de escorts eram um pouco como guias gastronômicos, em que a descrição dos pratos do cardápio, de notável lirismo, deixava entrever delícias bem superiores às que, no final das contas, eram saboreadas). Depois, me decidi por Nadiabeurette; escolher uma muçulmana, tendo em vista as circunstâncias políticas globais, me excitava muito (Houellebecq, 2015, p. 110).

Esse trecho em particular destaca a objetificação feminina, que também aparece em outras partes do livro. Levando em conta as opiniões e a defesa do patriarcado feita por François, é possível estabelecer um paralelo entre as mulheres e as refeições solicitadas por ele no serviço de *delivery*. Assim como ele *consome* pratos étnicos – ora pede comida árabe, ora japonesa ou tailandesa –, também contrata os serviços de mulheres de origem estrangeira, quase sempre de países que um dia foram colônia da França. Tanto o consumo de comida, quanto a contratação dessas mulheres acabam tendo o mesmo sentido no romance, pois representam algo que deve ser *consumido* de maneira descontrolada pelo homem branco europeu.

François afirma que se sente excitado particularmente com uma mulher muçulmana. O próprio nome da garota é expressivo, já que “beurette” é uma gíria francesa que significa “arabezinha”, tendo geralmente uma conotação sexual de mulher submissa e sexualmente disponível. Ao mesmo tempo, isso demonstra que o papel social atribuído a essas mulheres é frequentemente limitado à prestação de serviços sexuais em uma sociedade marcada pelo colonialismo, perpetuando a noção de sensualidade imaginada que é retratada como algo exótico e submisso, conforme descrito por Edward Said (2003, p. 186) em sua discussão sobre o orientalismo e a objetificação do outro.

Mais adiante, François acaba refletindo sobre sua situação pessoal e profissional. É nesse momento que acaba medindo seu estado de solidão e cotidiano medíocre, e começa a aceitar as propostas que vêm de pessoas que aderiram ao novo regime. A primeira delas é um convite para organizar as obras completas de Huysmans para a coleção *Pléiade* da editora Gallimard, com a incumbência de escrever as notas explicativas e um estudo introdutório. O convite foi sugerido pelo novo reitor da Sorbonne, o professor Robert Rediger, que substituiu a antiga reitora Chantal Delouze, demitida com a reforma educacional do novo governo. Aposentado temporariamente com um salário de 3.300 euros, François começa a concordar com as mudanças e enxerga as vantagens de sua posição privilegiada de homem em uma cultura que oprime as mulheres.

Na quinta e última parte, François observa como o islamismo se torna um elemento central na vida pública e privada dos cidadãos franceses, alterando as relações sociais, a cultura e a própria identidade nacional. Ao mesmo tempo, a estabilidade e a prosperidade econômica que acompanham essa mudança despertam nele certo fascínio, levando-o a considerar as possíveis vantagens de se converter à religião. Uma delas seria a possibilidade de receber aumento salarial, pois, com a entrada de dinheiro proveniente das monarquias do Golfo Pérsico, a Sorbonne passou a receber grandes investimentos, e seu salário chegaria a 10 mil euros, conforme adianta o professor Steve com grande entusiasmo.

Um ponto crucial nessa parte do livro é o encontro de François com Robert Rediger, que o convence a se converter ao islamismo e a voltar a lecionar na universidade. Rediger é uma alusão ao professor francês Robert Redeker, conhecido por suas posições críticas e polêmicas em relação ao islamismo, que vem recebendo proteção policial desde que foi ameaçado por ter chamado a religião de violenta e obscurantista em artigo do jornal *Le Figaro* em 2006. Já Robert Rediger é retratado no livro como um intelectual oportunista e bajulador, suscetível aos encantos do capital, o que pode ser confirmado com o luxo de seu apartamento. Ao longo da história republicana da França, os intelectuais tiveram um papel ativo nas transformações políticas, muitos deles integrando núcleos de resistência e de oposição ao governo. “Colaboracionista” em relação ao novo regime, Rediger é um contraponto a essa tradição.

Durante uma extensa conversa com François, Rediger revela sua trajetória intelectual, inicialmente caracterizada por uma inclinação ao catolicismo de direita, na

qual dedicou a maior parte de seu tempo ao estudo dos escritos de Nietzsche em detrimento dos textos religiosos. Desde o início, ele expressou oposição ao humanismo secular europeu, considerando-o decadente, especialmente em relação à cultura das liberdades individuais da década de 1960, que resultou em uma geração que teve um número menor de filhos, causando queda no crescimento populacional dos “originários”. Rediger sustentava a convicção de que a Europa, por sua incapacidade de se reproduzir, abriu as portas para uma imigração em larga escala dos países muçulmanos.

Inicialmente, Rediger defendia a necessidade de a educação católica ser privilegiada em detrimento do laicismo republicano – com o intuito final de converter os muçulmanos. Entretanto, ao longo do tempo, reconheceu que o islamismo compartilhava valores tradicionais semelhantes aos do catolicismo que ele abraçava, como a hierarquia familiar, onde as mulheres e os filhos servem ao patriarca. Da mesma forma, de acordo com sua visão, o islamismo compartilhava o desdém pela diversidade, especialmente a diversidade de opiniões, e via a homogeneidade e os elevados índices de natalidade como indicadores para a sobrevivência da civilização. Para Rediger, a continuidade da civilização europeia dependia de uma religião monoteísta, visto que a Europa cristã estava em declínio. A salvação seria, portanto, o islamismo.

Rediger, que escreveu um best-seller sobre o islamismo, estabelece uma comparação entre um clássico da literatura erótica, *L'Histoire d'O* [História de O], de Anne Cécile Desclos, sob o pseudônimo de Dominique Aury, e o Corão, pois ambos estão relacionados à ideia da submissão. Ele reflete sobre a crença de que a felicidade reside na submissão – dos filhos aos pais, das mulheres aos homens, dos homens a Deus – e que, em troca, recebe-se todo o esplendor divino. A liberdade é apenas outro nome para a infelicidade, segundo ele. A fala de Rediger vai convencendo François aos poucos. A ideia de submissão está presente no discurso de François, principalmente no momento em que ele fala do lugar das mulheres dentro do sistema:

No regime islâmico, as mulheres — quer dizer, as bonitas o suficiente para despertar o desejo de um marido rico — tinham, no fundo, a possibilidade de permanecerem crianças praticamente a vida toda. Pouco depois de saírem da infância, tornavam-se mães e caíam de novo no universo infantil. Seus filhos cresciam, depois elas se tornavam avós, e assim se passavam suas vidas. Por um período curto de tempo elas compravam lingerie sexy, trocando os jogos infantis por jogos sexuais — o que no fundo era mais ou menos a mesma coisa. É claro que perdiam autonomia, mas *fuck autonomy*, e eu devia admitir, de meu lado, que renunciara facilmente, e até com verdadeiro alívio, a toda

responsabilidade de ordem profissional ou intelectual, e que não invejava em nada aquele homem de negócios sentado do outro lado do corredor de nosso compartimento no TGV Pro Première, cujo rosto ficava cada vez mais cinzento de angústia à medida que prosseguia sua conversa telefônica, pois visivelmente estava em maus lençóis — nosso trem acabava de ultrapassar a estação de Saint-Pierre-des-Corps (Houellebecq, 2015, p. 134).

Este trecho oferece uma reflexão sobre um conceito fundamental na formação das sociedades liberais: a autonomia. Na tradição do pensamento contemporâneo francês, destaca-se a influência das ideias do filósofo Jean-Paul Sartre sobre a liberdade. Ao defender o existencialismo, Sartre argumenta que o ser humano não nasce predefinido; sua existência é moldada por suas próprias escolhas e pela interação com a história, exercendo sua liberdade. Ele, portanto, está destinado à liberdade. Entretanto, a liberdade também implica angústia e responsabilidade em forjar um caminho ainda não delineado (Sartre, 1987). Apesar de sua natureza anticlerical, o pensamento de Sartre é desafiado por Houellebecq ao apresentar uma personagem que advoga pela submissão a um sistema de poder – como é o caso de François em relação à religião – e pela falta de confronto – exemplificado por Rediger.

Um exemplo de submissão que atrai François é visto durante o próprio encontro no apartamento de Rediger. Este era casado com três mulheres em idades diferentes: uma esposa adolescente, de 14 anos, uma esposa jovem e uma esposa com a idade de Rediger, ou seja, na faixa dos 50 anos. Ao final do livro, François passa pelo processo de conversão na Grande Mesquita de Paris com certo alívio. Com isso, volta a lecionar na Sorbonne e tem a possibilidade de, ele próprio, ter três esposas. O livro não termina com a realização desse desejo de François, mas com a promessa de que ele se materialize.

Independentemente do desfecho, o romance termina com a perturbadora sugestão do conformismo do protagonista ao novo regime: não por representar um projeto ou uma utopia, mas por parecer, em sua perspectiva, uma alternativa menos prejudicial. Conforme expresso por Bauman (2017), na sociedade contemporânea cada pessoa procura soluções pessoais para problemas gerados socialmente, abandonando a ideia de lutar por uma sociedade melhor. O objetivo já não é buscar um coletivo aprimorado, mas galgar a melhor posição. Em vez de desfrutar das recompensas compartilhadas pelos esforços coletivos, as pessoas se apropriam individualmente dos despojos. Como diria François, citando a famosa frase atribuída ao rei Louis XV: “Depois de mim, o dilúvio”.

Considerações finais

O objetivo deste artigo foi analisar o livro *Submissão* de Michel Houellebecq, levando em consideração o conceito de retrotopia de Zygmunt Bauman e o contexto político recente na França. O lançamento desse livro provocou considerável polêmica no país, uma vez que expõe uma personagem angustiada, tema frequente na obra de Houellebecq, diante de uma situação inédita: a possibilidade de um governo muçulmano em uma mudança radical na estrutura política francesa. A obra destaca as dificuldades enfrentadas pela personagem quanto a relacionamentos interpessoais, sexualidade, vida em sociedade e religião.

A análise revela que François representa uma figura emblemática dos tempos contemporâneos, marcados por uma onda nostálgica que resgata valores supostamente já superados. Trata-se de uma reação a avanços obtidos por grupos sociais historicamente desfavorecidos e que, por terem ocupado maiores espaços, têm gerado descontentamento daqueles que outrora ocupavam posição de hegemonia. Evidência desse movimento é a ampliação da circulação de discursos e de ações que defendem a limitação e/ou supressão de direitos conquistados por mulheres, estrangeiros, entre outros. A defesa desse posicionamento, que ganhou força na extrema-direita, baseia-se, sobretudo, na tentativa de restauração de práticas e valores ditos tradicionais.

Em meio a um contexto social de crise econômica e política, esse discurso ganha força e acaba apontando soluções fáceis para problemas complexos. Como defende Bauman (2017), a Europa vive, desde a crise financeira de 2008, um período de perda crescente de direitos sociais. Cada vez mais a desigualdade aumenta e é naturalizada; o crescimento econômico acaba favorecendo apenas a elite. Dessa forma, existe uma percepção, entre a classe média e a população mais pobre, de que os partidos tradicionais, que até pouco tempo se revezavam no poder, não apresentam respostas adequadas aos desafios. Por esta razão, a falta de políticas efetivas criou uma oportunidade ímpar à extrema-direita, que vem ocupando o lugar dos partidos tradicionais, investindo na argumentação que espalha ódio e medo – e no discurso nostálgico, reinventando uma “era de ouro” à sua maneira.

No livro de Houellebecq, esse período ideal localizado no passado corresponde ao período em que o catolicismo reinou sobre a França. A ascensão da modernidade – e a consequente formação do estado laico – é vista por algumas personagens como sendo a

verdadeira causa da “decadência” do país e de seus habitantes “originários”. Paradoxalmente, uma nova união pela religião não seria mais possível sob o catolicismo, que perde sua força no país, mas pela via do islamismo. A solução seria, então, buscar os valores tradicionais do catolicismo por meio da submissão a um governo islâmico. Em troca, haveria paz social e desenvolvimento econômico, em detrimento da supressão dos direitos conquistados, a duras custas, pelas mulheres sob o secularismo.

Em meio a esse contexto de mudança, François acaba seguindo os conselhos de Robert Rediger, com quem trava uma longa conversa. Novo reitor da Sorbonne, Rediger é responsável pela indicação de François para a edição da obra completa de Huysmans para a editora Gallimard e para o seu reingresso na universidade. François se convence de que, ao se submeter ao novo governo, não precisaria mais se angustiar com as responsabilidades do cotidiano, pois parte de sua vida seria resolvida: além de um bom salário e estabilidade na universidade, poderia ainda chegar a ter três esposas, resolvendo seu problema de solidão.

Narrado em primeira pessoa por um narrador central, que interpreta e molda a realidade por meio de sua percepção e dos extensos diálogos estabelecidos com os interlocutores – notadamente com Godefroy Lempereur, Alain Tanneur e Robert Rediger –, *Soumission* proporciona ao leitor uma imersão em um segmento da vida de François, um cidadão francês comum cujo percurso é influenciado pelas mutações sociais e políticas que atravessam o país. O relato de François carrega um tom de confissão, revelando-se como o testemunho de alguém que não dissimula sua perspectiva sobre o mundo e as pessoas – uma perspectiva impregnada de preconceitos e de machismo.

Nesse contexto, é pertinente resgatar a própria concepção de François sobre a literatura: de que ela constitui o único dispositivo discursivo da sociedade que proporciona um contato pleno com outra mente humana, permitindo ao leitor vislumbrar tanto as fraquezas, quanto grandezas e limitações – além das mesquinhas, ideias fixas e crenças de uma psique alheia. De fato, em *Soumission*, todas essas facetas se desvelam diante do leitor, sobretudo as características negativas: François é mesquinho, pusilânime e destituído de qualquer grandeza moral. Como um anti-herói de uma narrativa distópica, ele acaba abrindo a possibilidade para a dúvida, proporcionada pela ambiguidade discursiva do romance: embora François tenha aderido ao novo regime, seu discurso proporciona uma visão do pensamento de alguém que é afetado pela crise política da

França contemporânea, com seus ódios, medos e elementos nostálgicos. E, nisso, há coerência com a ideia de leitura proposta pelo narrador, que pressupõe o diálogo e a partilha.

Referências

BAKER-SMITH, Dominic. Introduction. In: MORE, Thomas. **Utopia**. Londres: Penguin, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Retrotopia**. Polity Press: Cambridge, 2017.

BERSTEIN, Serge et al. **Histoire du vingtième siècle: de 1953 à nos jours**. Paris: Hatier, 1987.

CLAEYS, Gregory (org.). **The Cambridge Companion to Utopian Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

D'ARCENS, Louise. Nostalgia, melancholy, and the emotional economy of replacement: feeling for la France profonde in the novels of Michel Houellebecq. **Exemplaria**, v. 30, n. 3, jun. 2018, pp. 257-273. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10412573.2018.1464823?needAccess=true>. Acesso em: 16 jun. 2023.

DUJIN, Anne. Cliver pour mieux régner. **Le Monde**, Paris, p. 2-3, 19 jan. 2019.

FERREIRA, António Gomes. **Dicionário de Latim-Português**. Porto: Porto Editora, 1983.

HALIMI, Serge. Le soulèvement français: pourquoi maintenant? **Le Monde diplomatique**, Paris, n. 778, jan. 2019, p. 13.

HARVEY, David. **The condition of postmodernity: an enquiry into the origins of cultural change**. Oxford: Blackwell, 1990.

HOBBSBAWM, Eric. **Nations and nationalism since 1780: programme, myth, reality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

HOUELLEBECQ, Michel. **Submissão**. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015.

HUYSMANS, Joris-Karl. **Às avessas**. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

JOFFRIN, Laurent. Soumission, Le Pen au Flore. **Libération**, Paris, 2 jan. 2015. Disponível em: https://www.liberation.fr/livres/2015/01/02/le-pen-au-flore_1173182/. Acesso em: 05 mai. 2023.

LILLA, Mark. Slouching toward Mecca. **The New York Review**, abr. 2015. Disponível em: <https://www.nybooks.com/articles/2015/04/02/slouching-toward-mecca/>. Acesso em: 27 fev. 2024.

SAID, Edward. **Orientalism**. Londres: Penguin, 2003.

SARTRE, Jean-Paul. **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

Recebido em: 17/04/2024.

Aprovado para publicação em: 21/11/2024.